



A escola nova e os fundamentos sociais da transformação escolar

Por MARIA A. LIMA PIAI
LEONI M. PADILHA HENNING

maria-piai@usp.br
leoni.henning@yahoo.com

Anísio Teixeira (1900-1971) foi um pensador brasileiro da educação que fez reflexões acerca dos problemas e desafios do crescimento humano e desajuste da evolução social frente à civilização industrial e democrática de seu tempo. Para ele, esses desajustes são desafios contínuos para o homem repensar a sociedade na qual ele se encontra. Ele vê a necessidade de repensar “[...] a criação de uma nova cultura adaptada às condições novas da época” (GERIBELLO, 1977, p. 114), pois os modelos tradicionais aristocráticos não serviam mais. Anísio Teixeira é de um grupo de intelectuais que, de modo geral, “[...] cobram do Estado um papel de protagonista na reorganização do sistema de ensino, mas, ao mesmo tempo, de guardião da autonomia das instituições educativas” (MENDONÇA, 2008, p.60). O Estado tem o dever de propiciar a educação formal, mas de não intervir no sistema de modo político, mantendo um certo distanciamento das diretrizes educacionais para que não houvesse manipulação dos interesses educacionais em prol de campanhas políticas. O que Teixeira propunha era a autonomia e supremacia da educação e de seus intelectuais para o direcionamento da sociedade, acima inclusive dos interesses políticos do Estado, pois “[...] nosso sistema educacional reproduz estruturalmente a educação dominante nas sociedades conduzidas aristocraticamente” (TEIXEIRA, 2017, p. 9). Essa aristocracia seria uma aristocracia política e, ele propunha essa superação por uma aristocracia intelectual comprometida com a sociedade, com a educação e com os rumos democráticos do país.

Para Teixeira, a sociedade se constitui ou se define a partir de uma consciência ou compreensão comum a todos de sua (da sociedade) própria finalidade, que se constitui num processo comunicativo e numa participação social e política inteligente. Influenciado por Dewey que afirma: “A sociedade não só continua a existir pela transmissão, pela comunicação como também se pode perfeitamente dizer que ela é transmissão e é comunicação” (DEWEY, 1979, p. 04), Teixeira também acredita que é a transmissão que





assegura a existência contínua da sociedade. Firma-se então uma forte ligação entre a ideia de sociedade e de educação, pois “Nada se comunica sem que os dois agentes em comunicação – o que recebe e o que se comunica – se mudem ou se transformem de certo modo” (TEIXEIRA, 1967, p. 20). Portanto, comunicação é educação. Assim, o cotidiano e a eterna renovação do homem vão se construindo pela “[...] permanente circulação de reações e de experiências e de troca de conhecimento, portanto numa perene reeducação” (GERIBELLO, 1977, p. 115).

De acordo com Anísio Teixeira (1978), a escola progressiva é uma necessidade social. Ela é progressiva porque necessita de mudanças constantes bem como afirmou Kilpatrick em *Educação para uma civilização em mudança* (1974) uma vez que, fundamentado em Dewey, nos mostra quais as três tendências da vida moderna: “a) uma nova atitude mental diante da vida; b) a industrialização e, c) a democracia” (KILPATRICK, 1974, p. 20). As obras destes dois pensadores da educação têm uma forte influência sobre a filosofia da educação de Anísio Teixeira.

Portanto, a proposta progressiva de Teixeira é de uma escola que atenda às necessidades de uma sociedade em constante mudança, pois dentre outros fatores, o desenvolvimento científico, que se refaz permanentemente, carrega consigo a necessidade de reconstrução permanente da sociedade e da escola.

A educação, para Teixeira, é uma arte e não uma ciência, no entanto, a ciência é fornecedora de:

[...] conhecimentos intelectuais para rever e construir, com mais inteligência e maior segurança as nossas atuais regras de arte, criar, se possível, outras e progredir em nossas práticas educacionais, isto é, nas práticas mais complexas da mais complexa arte humana (TEIXEIRA, 2008, p. 238).

Aquilo que se chamou de Escola Nova é a proposta de transformação da escola, assim como “[...] se transformam todas as instituições humanas, à medida que lhes podemos aplicar conhecimentos mais precisos dos fins e meios a que se destinam” (TEIXEIRA, 1978, p. 26). Teixeira usa o exemplo da medicina antiga para afirmar o desenvolvimento da ciência e a necessidade de buscar novos métodos que afastem o homem dos erros. O objetivo dos





homens parece ser sempre o mesmo. Tanto no passado como no presente, o homem procura construir, curar, educar, no entanto, os meios, ou seja, os instrumentos com os quais desempenha seu intento mudam a cada tempo; evoluem.

Assim como a medicina e a engenharia evoluíram com o passar do tempo, a educação também carece de renovação e, ela “Renova-se nos seus meios e, por intermédio dos meios, nos próprios fins” (TEIXEIRA, 1978, p.26). Pois, para Teixeira, assim como para Dewey, o processo educativo não separa os meios da finalidade. Meios e fins se confundem.

Esta nova forma de ver a educação muda sua finalidade e, conseqüentemente, seus meios, uma vez que os meios são a própria finalidade. Ou seja, a finalidade da educação continua sendo educar, mas, o que confere um novo significado é a concepção de educar. Não cabe mais a essa sociedade que está posta ver a educação com uma finalidade objetiva, uma vez que todo o crescente desenvolvimento científico, com sua provisoriedade, nos tira da rotina, fixa e propõe a necessidade de uma maior flexibilidade diante de um mundo imprevisível, efêmero e passageiro; põe-nos diante de um mundo em constante mudança, de incompletude. Desta forma, fica impossível estabelecer um objetivo permanente para as coisas.

Deste modo, a escola se encontra em meio a tantas impossibilidades e divergências. Com o desenvolvimento científico assim entendido, parece ser ingênuo querer que um agente concilie todos os conhecimentos e especificidade em fazeres determinados e objetivos.

As divergências são inevitáveis, como inevitáveis as confusões, as expectativas exageradas, os entusiasmos e os desânimos, as audácias e os temores, as alas direita e esquerda de uma transformação inevitável, mas que não se têm ainda os elementos integrais para definir, em toda a amplitude, o objetivo e o alcance e traçar, com nitidez, os caminhos e os processos (TEIXEIRA, 1978, p. 27).

Anísio Teixeira vê a escola como instituição fundamental de uma sociedade e, ao mesmo tempo, sua base, uma vez que ela oferece estabilidade e apoio para as novas projeções. As transformações sociais e econômicas ocasionadas pelas descobertas e invenções científicas, transformam, contudo, a escola – como já expusemos. E essas transformações sofridas pela escola abrangem o social e o psicológico humano. Neste trabalho, serão abordadas as transformações sociais apontadas por Anísio Teixeira, principalmente, no livro *Pequena introdução à filosofia da educação*.





1. Transformações sociais

As transformações sociais estão fundamentadas no aspecto material da sociedade. A ideia de progresso se constrói por meio das mudanças físicas como, por exemplo, as fortes mudanças ocorridas nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro do final do século XIX e primeira metade do século XX como: os meios de transportes, as casas, tecnologias, política, etc. O desenvolvimento tecnológico mudou a vida material, principalmente, nos grandes centros urbanos com muita rapidez. Mas, como isso aconteceu com tanta rapidez? Anísio Teixeira atribui esse fato à aplicação das ciências à civilização humana (1978, p. 28). O progresso seria então o resultado do maquinário inventado pela humanidade.

O homem conseguiu instrumentos para lutar contra a distância, contra o tempo e contra a natureza. A ciência experimental na sua aplicação às coisas humanas permitiu que uma série de problemas fossem resolvidos, e crescessem essas enormes cidades que são a flor e o triunfo maior da civilização (TEIXEIRA, 1978, p. 28).

O desenvolvimento científico trouxe também uma nova mentalidade na qual as coisas deixaram de ser estáveis e permanentes e passaram a ser dinâmicas. Percebemos nesses posicionamentos uma certa ingenuidade, uma vez que não anteciparam os prejuízos que essas conquistas resultaram igualmente à humanidade.

1.2 Da estabilidade ao dinamismo

A própria experimentação científica é um método progressivo, pois a curiosidade, a revisão dos achados, que são suas marcas, podem ser constantemente reavaliadas. O mundo sofre transformações constantes e o homem passa a vê-lo em função dessas mudanças. Tudo é provisório: o que é hoje, amanhã pode já não ser. O homem moderno está mergulhado num processo de permanente transformação. Num mundo onde as coisas são temporárias, assim as instituições, as convicções, os estilos de vida mudam rapidamente e não se solidificam em costumes ou verdades absolutas, sempre verdades provisórias, como descreveu Zygmunt Bauman (2003).

A sociedade habitua-se, neste contexto, às mudanças constantes. Para Anísio Teixeira, o homem moderno, próprio do seu tempo, é o homem que se habitua às mudanças que ele mesmo provocou ou criou, construindo e reconstruindo seu próprio ambiente (1978, p. 29).





Este fazer e refazer, construir e reconstruir da civilização, num primeiro momento dá a impressão de que somente as condições materiais é que sofreram mudanças, no entanto, não é bem assim, pois essas mudanças materiais refletem no não material, no social. Anteriormente, a sociedade e a sua moralidade, pareciam seguir sempre as mesmas regras que eram vistas como verdades eternas. Não havia pretensões de mudanças no comportamento das pessoas até que esse novo contexto material começou a desestabilizar toda a estrutura social e moral com mudanças na configuração familiar e nas vivências comunitárias, dentre outras.

Mudaram-se os hábitos e os costumes dos homens, pois eles também passam pelo crivo da experiência. Essas experiências fizeram a subordinação e a docilidade com relação às autoridades de personalidades sociais se degradarem. As responsabilidades sociais são outras; as necessidades sociais e morais do homem moderno configuram novos perfis. Suas ações possuem mais autonomia, elas não são mais guiadas por normas cegas passadas de uma geração para a outra como valores absolutos. As ações humanas agora são guiadas por um porquê e por um sentir que lhe são peculiares; cada indivíduo é guiado por sua experiência e não mais por uma ordem religiosa ou tradicional preestabelecida (Cf. TEIXEIRA, 1978, p.30).

Assim, ao construir e reconstruir o mundo material, o ser humano também constrói e reconstrói o mundo social e moral e altera as estruturas em que encontrava enraizada sua tradição.

O tradicionalismo foi sendo substituído por essa nova ordem permanente de mudança, uma nova ordem de revisão constante, que também alteram o conceito de educação da escola tradicional. Assim: “a) precisamos preparar o homem para indagar e resolver por si os seus problemas; b) temos que construir a nossa escola, não como preparação para o futuro conhecido, mas para um futuro rigorosamente imprevisível” (TEIXEIRA, 1978, p. 30). Diante de uma civilização apoiada na experimentação científica e animada por uma continua reconstrução, Teixeira aponta três grandes tendências que marcam o caminho dessa evolução.





A primeira diretriz é a nova postura do homem frente a vida, que deixa para traz aquela atitude de medo e insegurança, de sublimação e desconfiança diante da natureza. O método experimental encheu o homem de coragem, segurança e otimismo perante a vida fortalecendo a confiança do homem em si mesmo.

Porém, o velho dogmatismo das verdades eternas, ainda perdura em meio a essa autoconfiança, pois as mudanças eminentes devem estar ligadas a experimentações, isto é, à prova experimental. Diante desse contexto, a crítica deve ser feita não às conclusões que esse método permite, mas ao próprio método ou crença que lhe é debitada. O método experimental está a dar ao homem um novo senso de segurança e de responsabilidade. Teixeira esclarece: “De segurança, porque, graças a esse método, se está construindo a civilização progressiva dos tempos de hoje, toda feita pelo homem e para o homem” (1978, p. 31).

O método experimental possibilitou ao homem o governo dos elementos da natureza ou pelo menos conhecer esses elementos a fim de ordená-los a seu favor. E, mesmo que alguns acontecimentos escapem do seu controle, o homem elabora explicações para esses acontecimentos, sejam eles naturais ou sociais, nutrindo a esperança de resolvê-los e dominá-los em outro momento – daí o caráter de provisoriedade da ciência.

1.2.1 Uma nova postura humana

A responsabilidade está no fato de o homem saber que pode e deve mudar o rumo das coisas. É o estado de segurança e independência que lhe confere tal sentimento. A autoridade não lhe provém do outro. Na modernidade, cada um é possuidor de sua própria autoridade não havendo necessidade de um outro atribuir-lhe direção condutora para que as suas ações se realizem; é a própria condição humana que confere tal autoridade. Mas, o que realmente isto significa? A autonomia é sua orientação interna diante das mudanças do mundo (externo)

Toda mudança material acaba por conferir ao homem também uma mudança ou progresso social e moral. O homem antigo, segundo Teixeira, era desprovido de autonomia; outros lhe ditavam o modo de vida, modo esse que era interpretado como um castigo por ser um homem simples e que já trazia a ideia de maldade, incapacidade e fraqueza diante da natureza e do mundo. Com a modernidade, esse novo homem começa a ser possível (1978, p.32). Surge a



ideia de autonomia do indivíduo diante dos problemas da coletividade. Foi com a Reforma Protestante, no século XVI, que o homem passa a ser pensado enquanto indivíduo, até então ele era visto num contexto de coletividade. Com Lutero, vimos ressaltar-se a ideia do homem criado à imagem e semelhança de Deus com quem podia diretamente direcionar seus pedidos e orações sem intermediações de outros.

Teixeira parece nos convidar a viver o modelo desse novo homem, essa nova espécie e deixar para trás as crenças nas verdades eternas, como por exemplo, que sempre existirá guerra, que o crime e a moléstia sempre flagelarão o homem, etc. (1978, p. 32). Ele nos alerta que o progresso nos foi apresentado recentemente e que ainda não nos demos conta do quanto podemos progredir e conhecer. Esse mundo que estamos presenciando é como uma pequena amostra daquilo que podemos ser, pois “[...] o homem está refazendo a vida, para sua maior tranqüilidade, seu maior bem-estar, sua maior dignidade e sua maior felicidade” (TEIXEIRA, 1978, p.32) com muita rapidez. A ciência e a tecnologia são descobertas humanas, portanto devem estar a serviço do desenvolvimento humano e agregada ao bem-estar da humanidade. Afinal o que significa todo esse desenvolvimento técnico? O desenvolvimento tecnológico só faz sentido se estiver a favor do bem-estar da humanidade, pois se a técnica não é para o bem-estar do ser humano, ela torna o homem objeto e não sujeito.

De modo geral, as pessoas comentam do passado manifestando um saudosismo em relação a esse período, afirmando que o homem era mais honesto por causa da sua pobreza, por exemplo. Anísio Teixeira dá a sua opinião em relação a este modo de pensar: “[...] eu só reconheço um crédito aos que me precederam: eles sofreram mais do que nós e, por isso, tudo lhes deve ser perdoado” (1978, p. 32). No entanto, o homem moderno, mais que o homem antigo, tem uma espiritualidade que o leva a mais sacrifício e heroísmo pela conquista do progresso. Juntamente com o progresso da ciência, vem a ideia de que o homem não precisa esperar uma vida em outro plano (espiritual) para gozar de benefícios. O bem do homem é possível agora e neste mundo e, é responsabilidade do próprio homem lutar por essas benesses. E, o projeto da Escola Nova ou escola progressista é preparar este novo homem. Mas prepará-lo fundamentado em quais valores? Nos valores científicos? O professor forma seu aluno baseado em que valor ou valores? Assim como Dewey, Teixeira





vê a ciência como um conjunto de fatos particulares e de leis específicas que influem sobre as pessoas determinando suas condutas. Por isso o progresso científico não deveria estar desassociado das questões éticas, das questões que dizem respeito ao humano.

A ciência, quando tomada como verdade, sugere o que fazer ou o que não fazer e quais os meios a ser utilizado na execução da ação. Porém, entendida desta forma simplória e objetiva, a ciência não contribui significativamente ou amplamente para a conduta humana, pois as ações estão sempre submetidas ao objeto particular em destaque. Para contribuir significativamente, é preciso que as atitudes sejam guiadas a partir de considerações gerais de toda uma gama de conhecimentos amplos, e não somente do conhecimento científico. O objeto científico isolado não dá conta da totalidade. A compreensão e generalização do objeto se fazem na relação com o mundo, por isso, a formação não pode ser simplesmente científica. O conhecimento científico toma significado dentro de um contexto mais geral, dentro do contexto de uma formação humana. E, uma vez que essa formação humana tenha sido enfraquecida na formação escolar, a educação desliza, perde o seu objetivo essencial de formação no sentido mais amplo e abrangente, ficando uma lacuna ou uma fragmentação no saber que teria sido realizado por um sujeito autônomo, inteligente. Por exemplo, perdeu-se a elegância no falar dando uma fragilidade à linguagem que acaba por prejudicar a própria interpretação da ciência.

É preciso ir além da matéria do objeto científico, é preciso ter uma experiência com o mundo que permeia o objeto e o sujeito do conhecimento. Pois, como bem salientou Dewey, a causa final não é competência da matéria ou objeto, mas do sujeito (Cf. DEWEY, 1979, p. 358). A ciência diz respeito às generalizações possíveis acerca de um determinado objeto, mas as atitudes e condutas em relação a um determinado objeto não é competência de um método científico ou de uma ciência puramente, mas de todo um conjunto que compõe a formação humana. Provavelmente a interpretação dos filósofos que valorizavam as ciências ou o cientificismo foi mal explicada. A tecnologia, segundo Teixeira, exige um novo homem, um homem mais livre, mas ao invés disso, a maquinaria está escravizando o homem. “O industrialismo, que lhe vem dar conforto e força, o está fazendo morrer à fome. A liberdade de julgamento pessoal e de auto direção o está asfixiando, transmutada em trágico tumulto



de idéias e propósitos” (TEIXEIRA, 1978, p.101). Eis aí o papel da escola de conduzir o homem a participar da cultura da civilização e o dever de preparar o homem para guiar a sua própria renovação, de preparar o homem ao constante aprender a aprender (Cf. TEIXEIRA, 1978, p.103).

1.2.2 A industrialização

A segunda diretriz da vida moderna é o industrialismo. Todas as descobertas científicas, toda intelectualidade é aplicável a fim de melhorar as condições de vida do homem, surgindo assim as invenções. A industrialização caminha para a completa exploração dos recursos materiais do planeta, constituído por países e/ou setores econômicos conectados e interdependentes. Para a realização das atividades eram antes necessários muitos homens, mas, com a tecnologia dos nossos dias, isso acaba sendo realizado por apenas um ou poucos. Os meios de comunicação e transporte colocam os homens em comunicação material e espiritual. Essa interdependência nos torna mais rica e nos traz um “[...] sentimento novo de profunda dependência dos demais centros de produção ou cultura” (TEIXEIRA, 1978, p. 33). É possível perceber que a integração mundial não se restringe à esfera material, mas a uma integração de ideias e pensamentos. Assim, o pensamento do homem moderno ultrapassa os isolamentos territoriais que em outros tempos da história se restringiam a apenas uma localidade.

Essa nova sociedade, que agora é global, requer membros responsáveis e inteligentes; e, a escola progressiva, de acordo com Anísio Teixeira, é a escola que vai atender a essa nova exigência social.

A família, que compõe essa sociedade moderna, também vem sofrendo alterações e a função econômica que ela tinha vem se extinguindo: o preparo dos alimentos e roupas, por exemplo, está deixando de ser função da família e passando a ser realizado pela indústria. Diversão e trabalho cada vez mais são realizados fora de casa. O lar, cada vez mais, passa a ser o lugar no qual as pessoas voltam à noite para repousarem (Cf. TEIXEIRA, 1978, p.31). O industrialismo também vem deixando o mundo cada vez mais especializado.





A despeito das enormes vantagens dos elementos descritos próprios do “mundo moderno anisiano”, o pensador brasileiro enfatiza as características do taylorismo e fordismo que coloca o trabalho numa condição de coisa, como já havia alertado Marx. Logo, a condição na qual o trabalho moderno coloca o homem, é criticada pelo intelectual brasileiro, pois as novas formas de trabalho não estão dando espaço para o homem “[...] pensar, nem para ter sua natural satisfação de saber o que está fazendo e o que está fazendo valer a pena” (1978, p. 34). O papel da escola é, para Teixeira, tirar o homem dessa interdependência mecânica e degradante, pois a desintegração das unidades lar/trabalho/cidade ocasiona problemas/desafios que precisam ser resolvidos e, para tal, o homem carece de ter mais liberdade e compreensão da sua condição social. De frente para esses problemas, afirma Teixeira, a educação tem de dar conta de resolver (Cf. 1978, p. 34).

1.2.3 Democracia

A democratização é a terceira diretriz do mundo moderno, ela é “[...] o modo de vida social” (Teixeira, 1978, p. 35) que traz consigo a ideia de respeito pela pessoa ou personalidade humana. Condição que oferece ao homem oportunidade de expressar-se de modo “[...] a não reprimir valores de ninguém, mas, antes, facilitar a máxima expressão de todos eles” (TEIXEIRA, 1978, p. 35). Para Teixeira, os ideais democráticos são os que mais se aproximam dos ideais científicos. Para ele, a democracia atende aos ideais humanos e científicos, pois assim como Dewey, Teixeira entende a democracia para além de uma forma de governo, mas, como esclarece: “democracia é acima de tudo, *um modo de vida*, uma expressão ética da vida [...]” (TEIXEIRA 1978, p. 35).

Uma vida que fuja dos ideais democráticos, provavelmente, nunca deixará os homens satisfeitos. Assim, a democracia é vista por Teixeira como uma tendência moderna da qual dois deveres se desprendem: “[...] o homem deve ser capaz, deve ser uma individualidade, e o homem deve sentir-se responsável pelo bem social. Personalidade e cooperação são os dois pólos dessa formação humana que a democracia exige” (TEIXEIRA, 1978, p. 35). Esses dois polos estão profundamente ligados à educação. Eles (personalidade e cooperação) devem ser, para Teixeira, parte da formação humana e é uma exigência da própria democracia.





Diante do que até aqui foi exposto, podemos afirmar que a escola precisa então atender a essas novas exigências do ambiente social, que vem sofrendo severas mudanças devido à aplicação da ciência à vida humana que, por sua vez, tem mudado as condições materiais e concomitantemente as condições sociais, pois a visão do homem sobre a vida também tem se modificado fortemente com os avanços científicos. Desta forma, cada vez mais as novas gerações vêm abandonando os sistemas tradicionais e religiosos que configuram autoritarismo.

Uma característica do conceito de liberdade na modernidade, enfatizado por Teixeira, é a capacidade de o homem se orientar por uma autoridade interna (1978, p. 36). As autoridades tradicionais e/ou religiosas não se impõem mais, elas perderam suas forças e não são mais aceitas. A crítica de Teixeira à escola tradicional é que esse modelo não dá mais conta de formar esse novo homem, necessário à nova sociedade, que faz uso de sua razão para examinar as ideias e os fatos.

Esse novo homem, com hábitos novos de adaptabilidade e ajustamento, não pode ser formado pela maneira estática da escola tradicional que desconhecia o maior fato da vida contemporânea: a progressão geométrica com que a vida está a mudar, desde que se abriu o ciclo da aplicação da ciência à vida (Cf. TEIXEIRA, 1978, p. 36). “Uma compreensão clara e eficaz da cultura contemporânea não poderá ser obtida sem uma ampla formação científica e social” (TEIXEIRA, 1978, p.103), por isso, a necessidade de uma Escola Nova, de uma escola que acompanhe o progresso do conhecimento humano. A escola, para Teixeira, precisa ser entendida então como “instrumento de renovação social” (TEIXEIRA, 1978, p.102).

Assim a finalidade da Escola Nova é: “preparar cada homem para ser um indivíduo que pense e que se dirija por si, em uma ordem social, intelectual e industrial eminentemente complexa e mutável” (TEIXEIRA, 1978, p. 36). Uma educação para a sociedade democrática não comporta mais “ensinar a seguir e obedecer” (1978, p. 36). A necessidade é educar para a autonomia, para que todos tenham características de líderes, pois, pelo menos a si mesmo o homem tem de guiar.





A nova escola deve instruir para a autonomia. A sociedade que está a se construir carece de membros que tragam em si personalidades e cooperação, pois precisam se autoguiar e precisam fazer isso “[...] com mais inteligência, mais agilidade, mais hospitalidade para o novo e imprevisito [...]” (Teixeira, 1978, p. 36).

A escola tradicional, que é preparatória, pois prepara o indivíduo para obedecer a um conjunto de regras e comportamentos, e suplementar porque reforça os valores fixos da família e da sociedade, tem novas necessidades precisando se consolidar, de acordo com Teixeira, como escola progressiva de educação integral.

Se a “escola é retrato da sociedade”, a escola tradicional não representaria mais essa sociedade em mudança que já está posta. Teixeira demonstra que os pressupostos da escola tradicional foram alterados na modernidade. Essa nova mentalidade trazida a partir das descobertas e invenções tecnológicas, esse espírito da nova civilização, precisa de uma escola que se apoie nessa nova mentalidade, ela precisa de uma nova escola, de uma escola progressiva.

Teixeira elenca quatro pressupostos que, a seu ver, demonstram a necessidade de superação da escola tradicional: a) defende que sua função seja suplementar, pressupondo que a educação seja função da família e sociedade e que à escola corresponda apenas a função complementar, oferecendo instrumentos para a aquisição de cultura. Esses instrumentos seriam ler, escrever e contar matematicamente e diversas outras informações que o estudante usaria mais tarde; b) a escola tradicional pressupõe uma ordem estática, sendo sua função preparar a criança para assumir uma função futura, que geralmente era a mesma de seus pais; c) a escola tradicional faz perpetuar determinados valores, considerados corretos e permeados de dogmatismo geralmente proveniente dos interesses do Estado e/ou religião; d) a escola tradicional pressupõe que não deveria ensinar certas técnicas, fatos, modos de proceder que preparasse para o futuro, uma vez que esse futuro era considerado conhecido.

Esse modelo tradicional se ancora na aprendizagem por meio do decorar lições, “Assim a escola nada mais era do que uma casa onde as crianças aprendiam o que era ensinado, decorando as lições que os professores *marcavam*, depois *tomavam*, e que lhes forneciam





elementos de informação e saber, que só mais tarde deveriam utilizar” (TEIXEIRA, 1978, p. 38). O estudo seria “[...] o modo de aprender uma lição” (1978, p. 38) e, nesse contexto “Aprender significa aceitar e fixar, na memória ou no hábito, um fato ou uma habilidade” (1978, p. 38). O ensinar na escola tradicional nada mais é, para Anísio Teixeira, que uma doutrinação. O bom aluno era dócil, ou seja, “[...] aquele que melhor se adaptava a esse processo livresco de se preparar para o futuro” (1978, p. 38). Esse modelo de escola suplementar e tradicional, não atende mais à realidade dos novos tempos. Nem aquela do tempo de Anísio Teixeira, nem a dos tempos de hoje. A função suplementar da escola se perdeu porque “[...] a educação que a criança recebia diretamente da família e da comunidade perdeu o seu antigo caráter de eficiência e integração” (TEIXEIRA, 1978, p. 38), e esses dois deveres, no entender de Anísio Teixeira, também passaram a ser deveres da escola. Contudo, em sua origem, “[...] nunca se deixou de julgar que a criança se educa, vivendo [...]”. A escola simplesmente ensinava certas artes e certos conhecimentos necessários lá para fora, onde sua vida e sua educação transcorriam” (TEIXEIRA, 1978, p. 38).

A vida em família deixou de ser uma instância de educação integral como era entendida em outros tempos. A complexidade da vida social oferece às crianças apenas aspectos fragmentados dessa complexidade. Essas instituições (família, vida social) sofrem transformações com muita rapidez e frequência perdendo por isso a consciência de sua ação educativa (Cf. Teixeira, 1978, p. 39).

Para Teixeira a Escola Nova precisa tomar para si grande parte da função da família e do meio social para dar a essas crianças a oportunidade de se ajustarem ao dinamismo dessa nova ordem social. A escola está com responsabilidade dobrada e Anísio Teixeira tem consciência disso, sua proposta é que a escola tome consciência dessa responsabilidade. Para ele, estamos no advento de uma nova era da qual as instituições tradicionais de educação estão fracassando. Assim, os profissionais de educação precisam reorganizar a escola para que ela atenda a sua função educadora em uma sociedade dinâmica. A nova função dessa Escola Nova é, para Teixeira, trazer a vida para o ambiente escolar, isto é, “A escola deve vir a ser o lugar onde a criança venha a viver plenamente e integralmente” (1978, p. 39).





É por meio da vivência que a criança irá adquirir os hábitos morais e sociais necessários para a vida integralizada e feliz em meio ao dinamismo no qual a sociedade se encontra. O velho sistema de disciplinas e lições fechadas não dá conta de preparar a criança às lições de tolerância, bondade e entusiasmo. Teixeira vê a escola como possibilitadora de informações, fornecedora de conhecimentos científicos, proporcionadora de atitudes críticas para “[...] julgar e pesar as coisas com hospitalidade mas sem credulidade excessiva [...]” (TEIXEIRA, 1978, p. 40), capaz de separar as tendências científicas das tendências dominadoras preservando a individualidade e o discernimento das pessoas, percebendo a interdependência mundial, conciliando o nacionalismo e a economia nacional com a perspectiva dessa interconexão global que curiosamente anteviram. Tanto Dewey como Teixeira pensaram que esse mundo globalizado traria perspectivas positivas à sociedade. Ou seja, a interconexão global, apoiada na democracia, iria melhorar o mundo. No entanto, o mundo está tão ou mais perigoso e cheio de problemas que nos tempos em que viveram esses autores, apesar das Guerras Mundiais! Temos hoje uma variedade assustadora de procedimentos mais sutis de dominação e subjugo do “mais fraco” a serem usados. É claro que temos também um incrível avanço material que “pode” jogar a favor da humanidade. Esse dilema, como mostraram os autores, deve ser enfrentado por uma escola mais bem aparelhada teórica e praticamente, alicerçada por medidas legais que concorram para a realização dos ideais democráticos, defendidos até aqui. A escola brasileira, assim como a escola de forma geral, se modernizou e, se não alcançou a universalização da educação básica, está cada vez mais inclinada nessa busca. Desta forma, podemos questionar se as proposições de Anísio Teixeira eram tão ingênuas ou, se a escola não se tornou de fato democrática e quais as razões disso. Talvez, essa seja uma tarefa investigativa que os professores da educação básica pudessem com autoridade se debruçar já que estão *in locus*. E, essa investigação teria de partir da análise da própria postura enquanto professor se perguntando até que ponto as próprias ações são autoritárias ou democráticas. Até que ponto o professor oferece autonomia para o aluno promover sua formação e progresso e individual no contexto coletivo da escola.



3. Considerações finais

Para concluir, é relevante afirmar a preocupação de Anísio Teixeira com a prática escolar democrática. A escola, para esse intelectual da educação brasileira, deveria ser a grande provedora de oportunidades para a prática democrática valorizando os indivíduos como pessoa. Assim, em sua visão, a escola deve estar compreendida como um espaço democrático para professores e alunos, sendo que ambos seriam responsáveis pela própria direção de suas vidas e pela participação na vida econômica de sua sociedade, de seu país.

Esse espírito moderno deve ainda entender a democracia como modo de vida moral, ou seja, a democracia teria de ser uma diretriz para a vida, para o comportamento moral, para a ética social. Assim a escola deve ser fomentadora do espírito democrático.

Anísio Teixeira traz novas perspectivas para a escola brasileira, apostando num novo modelo de escola e tecendo alternativas para a superação do modelo vigente que não atende as necessidades da sociedade moderna que vem se instaurando. Neste contexto, as instituições tradicionais de educação precisam ser repensadas e reorganizadas para atingirem sua função e seus objetivos educacionais diante de toda a dinamicidade dos avanços científicos. A proposta de Teixeira é trazer vida para o ambiente escolar, tornar a escola um lugar no qual as crianças possam experimentar plenamente a vida em suas diversas facetas.

No entanto, essa proposta educacional de Teixeira para o Brasil, inspirada na filosofia de Dewey, não foi bem vista pela ala política e religiosa conservadora daqueles tempos que, inadvertidamente, direcionaram a proposta de educação para a vida em ensino técnico para o mercado de trabalho, desvirtuando a proposta de educação plena e integral apresentada por esses filósofos da educação. Da mesma forma, nos dias atuais, a educação brasileira está cada vez mais distante dessa proposta democrática e progressista e mais próxima de um conservadorismo e autoritarismo. Assistimos a uma crescente desvalorização das áreas humanas na formação dos jovens e, uma tendência para a inibição do próprio diálogo aberto em sala de aula, diante da proposta, por exemplo, do projeto “Escola sem partido”, que tem como pano de fundo a censura aos debates políticos no âmbito escolar.





As novas gerações vão se deparar constantemente com novos conflitos e o tradicionalismo com seus desdobramentos nos dias de hoje, não dá mais conta de preparar essas gerações para resolver os problemas que vão surgindo. Ademais, a função da escola é oferecer às novas gerações “[...] método e juízo, para lutar com os problemas que vai encontrar, e o sentido da responsabilidade social que lhe assiste na solução desses problemas” (TEIXEIRA, 1978, p. 41). E, toda essa liberdade e responsabilidade necessária para resolver os problemas vindouros, tanto morais como sociais, se constitui numa sociedade democrática. Os ideais da Escola Nova, traziam consigo essa grande responsabilidade de:

[...] educar em vez de instruir; formar homens livres em vez de homens dóceis; preparar para um futuro incerto e desconhecido em vez de transmitir um passado fixo e claro; ensinar a *viver* com mais inteligência, com mais tolerância, mais finamente, mais nobremente e com maior felicidade, em vez de simplesmente ensinar dois ou três instrumentos de cultura e alguns manuaizinhos escolares... (TEIXEIRA, 1978, p. 41).

Nos dias atuais esses valores ainda não estão na pauta dos sistemas educacionais brasileiros, ainda não foram alcançados e continuam sendo debatidos e distantes das situações reais que a escola brasileira enfrenta. A atual reforma do ensino médio, aprovada recentemente nesse ano de 2017, retrocede ainda mais a perspectiva de uma escola que promova educação para a liberdade. As amarras dessa nova legislação direcionam o estudante da educação básica para mercado de trabalho sem se preocupar com as outras dimensões da vida social. Ao restringir os conteúdos básicos à matemática e à língua portuguesa, a lei coloca como objetivo da educação escolar a instrução e não a educação nas suas dimensões variadas.

Para alcançarmos uma escola que eduque e não somente instrua, uma escola que prepare pessoas para uma sociedade dinâmica, como a dos dias atuais, é necessário um novo programa escolar, novos métodos, novos professores, isto é, uma nova escola precisa se instaurar para atender essa nova demanda da sociedade, tanto a dos tempos de Anísio Teixeira, como a dos dias de hoje, pois não alcançamos ainda muitos daqueles ideais. Ideais que ainda se mostram necessários à sociedade que, como descreveu Teixeira inspirado em Kilpatrick e Dewey, é dinâmica e se encontra *em constante mudança*. A escola brasileira ainda tateia em meio a um modelo tradicional que não atende às reais necessidades de uma





sociedade desejosa em realizar os ideais daquela constituída democraticamente. Trata-se da abertura democrática que só se dará num constante repensar e refazer da sociedade. E a escola, neste cenário, tem um papel importante, pois pensar segundo os moldes e padrões de uma escola não democrática, numa sociedade com o perfil democrático que a ela imputamos nos dias de hoje, ou que simplesmente se diz democrática, nos parece contraditório.

A proposta educacional de Teixeira, à luz do pragmatismo deweyano, procura superar os dualismos, por exemplo, razão e experiência, reconstruindo uma nova teoria do conhecimento que integraria filosofia e ciência, teoria e prática. Colocando a educação como uma arte que se constitui e se aprimora com a aplicação dos conhecimentos científicos. Desta forma, teoria e prática deveriam ser integradas. Assim como Dewey, Teixeira entende que a filosofia está atrelada a formação humana, portanto diretamente vinculada aos processos educativos.

A educação não é uma ciência, mas uma arte que faz uso da ciência e essa, “[...] longe de mecanizar o artista ou o profissional, arma a sua imaginação com os instrumentos e recursos para seus maiores vôos e audácias” (TEIXEIRA, 2008, p. 240). Assim, a ciência ou os conhecimentos científicos ajudarão o educador a observar e diagnosticar melhor o ambiente escolar e os processos educativos, conseqüentemente, elaborar uma melhor arte de educar. A ciência é quem vai oferecer os dados básicos para o aperfeiçoamento da arte de educar, ela jamais deve ser entendida como a regra final. O autor (TEIXEIRA, 2008, p. 241) nos adverte que o professor e o aluno vão assim descobrindo as operações nas situações da prática educativa levando em conta os conhecimentos científicos, mas sempre de modo autônomo, promovendo a formação e o progresso humano do indivíduo.

Dialogar com os autores que pensaram os problemas da educação de seu tempo nos permite contextualizar melhor os problemas educacionais dos nossos dias, nos permite definir e interpretar melhor o mundo atual, em específico os problemas da escola. Dewey e Teixeira defenderam a democracia como condição para o desenvolvimento social, tal como defendemos hoje, no entanto, nos dias atuais a democracia que temos está sendo desafiada por problemas que, na época dos autores, não havia. A Escola Nova confrontou a escola tradicional, de vertente religiosa ou racionalista, que era herdeira do nefasto dualismo,





apontado pelos nossos autores, e cujos prejuízos disso decorrente aprofundavam ainda mais as desigualdades sociais. Nas décadas posteriores, assistimos a uma série de críticos que crescentemente vem fustigando o que caracterizam como escola tradicional ou conservadora. Mas, o modelo tradicional de hoje não abarca a mesma estrutura do modelo tradicional dos dias de Anísio Teixeira. A escola tradicional de nossos dias está muito mais atrelada ao modelo liberal de mercado, daí não gerar menores problemas do que aqueles já apontados por nossos autores, ao se referirem, por exemplo, aos perigos de um individualismo exacerbado e a falta de sensibilidade social em uma nação dita civilizada e moderna.

Assim, apesar de toda a contribuição advinda dessas fontes, temos de considerar que a compreensão de democracia, exige hoje uma revisão dos fatores que concorrem para seu sucesso e seus fracassos. Nos dias de Dewey e Teixeira o enfrentamento em relação à escola tradicional colocava outros empecilhos para a realização da democracia, diferentemente dos que temos hoje. A tão sonhada visão progressiva que eles desejavam difundir, também requer hoje incorporação de outros elementos e crítica daqueles fatores que eles apostaram. Um exemplo disso é o industrialismo que, em nossa época, acabou gerando uma série de problemas novos que interpelam cientistas, sociólogos e outros especialistas para acorrerem aos campos de pesquisa. Ademais, a produção em larga escala exige uma postura ética, um compromisso social amplo e bem construído – e, nisso eles não erraram. Nós é que não fomos devidamente sagazes! Vemos um descaso de grandes empresas que colocam em risco a saúde da população com vista lucros cada vez maiores. Todo o deslumbramento e otimismo em relação à ciência ofuscou os problemas da sociedade exploratória. Embora Teixeira tenha salientado a necessidade dos fatores éticos atrelados ao desenvolvimento científico, ele parece ter trazido consigo um exagerado otimismo em relação aos avanços científicos e tecnológicos que, de certa forma, o fez olhar para o futuro com uma certa ingenuidade acerca das possibilidades que esse avanço poderia ser concretizado também para alienar e não tanto para educar.

Há, portanto, um explícito otimismo pedagógico inerente a esses pensadores em relação ao que a ciência poderia oferecer aos processos educativos. Embora tenham visualizado a globalização, muito próximo de como ela se configura hoje, o mundo todo estando





interconectado, esses pensadores não pensaram ou previram as estratégias que o mercado tem e vem praticando atualmente. O otimismo era daquele momento, os fundamentos sociais hoje já são outros.

Assim, os fatores que eles colocaram como molas mestras para o desenvolvimento humano não se revelou da forma como acreditaram, como por exemplo, a tecnologia, a indústria, a ciência, a democracia. Mas, tanto Dewey como Teixeira sentiram os impasses dos seus dias e os enfrentaram propondo algo novo, exequível em grande medida. Dão-nos suas experiências diante do autoritarismo e dogmatismos de seu tempo, e assim, suas sugestões para que a democracia se efetive se traduz em nossos esforços de revisitar as suas obras e, com suas ideias, interpretarmos o mundo em que vivemos.

Com efeito, não objetivamos com nossas reflexões e estudo, fazermos uma apologia aos autores em destaque. Mas, queremos mostrar que não temos levado com a seriedade merecida muitas das sugestões que foram aprofundadas por suas inteligências e dedicação às questões concernentes a uma valorosa filosofia da educação. Lendo-os e pesquisando sobre o seu pensamento, extraímos excelentes sugestões, muitas das quais, às vezes estreitamente vinculadas aos problemas concernentes ao século passado, mas que ainda merecem ser revisitadas, reinterpretadas e retomadas como ideias motivadoras para a dinamização e renovação do pensamento atual em educação. Acreditamos que com elas, além de tantas outras, podemos nos prevenir de modelos ideologizados, pacotes de ideias fechadas, sugestões apressadas e medidas descuidadas com aquilo que mais primamos: a formação humana.





Referências

BAUMAN, Zygmunt (2003). *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, de 20 de dezembro de 1996. Atualizada até 2017.

DEWEY, John (1979). *Democracia e educação*. Trad. Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

GERINBELLO, Wanda. Pompeu (1977). *Anísio Teixeira: análise e sistematização de sua obra*. São Paulo: Atlas.

KILPATRICH, William Heard (1974). *Educação para uma civilização em mudança*. Trad. Noemy S. Rudolfer. 12ª ed. São Paulo: Edições Melhoramento.

MENDONÇA, Ana Waleska (2008). O CBPE: um projeto de Anísio. In: BRANDÃO, Zaia; MENDONÇA, Ana Waleska. *Uma tradição esquecida: por que não lemos Anísio Teixeira* (org.). 2ª ed. Rio de Janeiro: Forma & Ação.

TEIXEIRA, Anísio (1967). A pedagogia de Dewey, esboço da teoria de educação de John Dewey. In: *Vida e educação*. Trad. Anísio Teixeira. 4ª ed. São Paulo: Melhoramentos.

____ (2008). Ciência e arte de educar. In: BRANDÃO, Zaia; MENDONÇA, Ana Waleska. *Uma tradição esquecida: por que não lemos Anísio Teixeira* (org.). 2ª ed. Rio de Janeiro: Forma & Ação, 2008.

____ (2017). *Educação e desenvolvimento*. Disponível em: <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/desenvolvimento.html>. Acesso: 28 de fevereiro de 2017.

____ (1978). *Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola*. 8ª ed. São Paulo: Ed. Nacional.